

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA ATUAR NA ERRADICAÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA

Maria Thaís de Oliveira Batista

Universidade Federal de Campina Grande – taholiveira.thais@gmail.com

Daniilo de Sousa Cezario

Universidade Federal de Campina Grande – daniломotos@hotmail.com

Francisco Roberto Diniz Araújo

Universidade Nacional do Rosário – robertodinizaemd@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho almeja analisar as consequências do bullying no processo de ensino e de aprendizagem e refletir acerca da violência na escola. Quanto ao percurso metodológico foi realizado uma revisão bibliográfica em torno do tema. Esse estudo pretende contribuir para informar tanto os profissionais da educação, pais, alunos e toda a comunidade escolar, sobre como educar, não apenas crianças, mas toda a sociedade no que se diz respeito a questão do bullying, com o propósito de desenvolver reflexões acerca do tema, e desse modo buscar prevenir essas práticas e combater a violência nas escolas. Compreendemos que o bullying é um problema social que vem se destacando nos diferentes meios de comunicação; tais como: internet (series, jogos, redes sociais) e reportagens na televisão. Os pequenos apelidos, ofensas e brincadeiras provocadas pelos alunos foram tomando um rumo mais grave, e interferindo principalmente no processo de ensino e aprendizagem. O estudo mostrou que as consequências do bullying escolar afetam todos os envolvidos, mas a vítima é a que apresenta maiores prejuízos, pois prejudica seu desenvolvimento e as suas relações com outras pessoas. As consequências são múltiplas: baixa autoestima, insegurança, isolamento, medo, angústia, agressividade, ansiedade, falta de vontade de ir à escola, dificuldade de concentração, diminuição no desempenho escolar, mudanças de humor, choros constantes, insônia, abuso de álcool e drogas, stress e suicídio.

Palavras-chave: Bullying Escolar; Prática Pedagógica; Formação de Professores.

Introdução

O fenômeno bullying não é um acontecimento novo, mas atualmente tem se apresentado como um problema social comum nas instituições escolares, provocando uma grande violência por parte dos agressores, e consequências muito graves para as vítimas. Por isso, prevenir as práticas do bullying nas escolas é essencial,

sendo que faz-se necessário que a comunidade escolar discuta e reflita sobre todas as formas de violência existentes, pensando maneiras eficazes de evitar essa prática.

O bullying é um problema social que vem se destacando nos diferentes meios de comunicação; tais como: internet (series, jogos, redes sociais) e reportagens na televisão. Os pequenos apelidos, ofensas e brincadeiras provocadas pelos alunos foram tomando um rumo mais grave, e interferindo principalmente no processo de ensino e aprendizagem.

Com isso, o presente artigo almeja analisar as consequências do bullying no processo de ensino e de aprendizagem e refletir acerca da violência na escola. Quanto ao percurso metodológico foi realizado uma revisão bibliográfica em torno do tema.

Esse estudo pretende contribuir para informar tanto os profissionais da educação, pais, alunos e toda a comunidade escolar, sobre como educar, não apenas crianças, mas toda a sociedade no que se diz respeito a questão do bullying, com o propósito de desenvolver reflexões acerca do tema, e desse modo buscar prevenir essas práticas e combater a violência nas escolas.

Contextualizando o objeto: o bullying como uma manifestação de violência escolar

Atualmente a sociedade em geral vive contaminada pela violência, essa violência acontece de várias formas. Atingindo todas as classes, não apenas a uma classe social, dessa forma existindo em vários espaços, onde haja relações entre pessoas. Nogueira (2007, p. 17) aponta que a violência “é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade em que a violência não tenha estado e esteja presente”.

O conceito de violência é visto de uma forma complicada, pois existem vários conceitos sobre o tema. Sendo assim, a violência pode ser conceituada de várias formas e pode ser considerado um fenômeno homogêneo, isto é um problema social que atinge diversos âmbitos.

A primeira diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são histórica e culturalmente construídos. Tal como acontece com outros termos, dependendo do momento histórico ou contexto social, significados diferentes lhe são atribuídos. A segunda questão diz respeito ao fato de que o termo pode ser referido a situações marcantes diversificadas, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produção, explicações e efeitos diferentes. É frequente encontrarmos na literatura e nas páginas de notícias, referência que permitem focalizar,

diferencialmente, o fenômeno (NOGUEIRA, 2007, p. 60).

De acordo com Nogueira (2007) a origem etimológica da palavra violência vem do termo latino “*violentia*” (força, caráter bravo ou violento) e ao verbo “*violare*” (transgredir, profanar, tratar com violência). O núcleo de significação “vis” significa força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência de alguma coisa.

Não existe uma definição concreta sobre violência, pois acontece de diversas maneiras e em espaços diferentes, onde houver violação ou não cumprimento da lei. Sendo assim, “pode haver quase tantas formas de violência quantas forem as espécies de normas” (MICHAUD *apud* NOGUEIRA, 2007, p. 61).

De acordo com Barros et al (2009, p. 5.739), existem diferentes formas de violência no meio social.

[...] a violência física que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão. A violência psicológica que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação. A violência política manifestada através de terrorismo que agregam em suas consequências a violência física ou por imposições ideológicas, que tem em suas metas a opressão social e a inadequação de determinados sujeitos ou ideias a sistemas politicamente incorretos. A violência cultural, através da substituição de uma cultura por um conjunto de valores forçados, não respeitando a identidade cultural existente. A violência verbal, que não raramente são acompanhadas da violência física e ainda a violência sexual, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de um outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física.

Neste sentido, a violência pode ser usada de várias formas contra outra pessoa que “vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.” (CANDAU, LUCINDA E NASCIMENTO *apud* BARROS, 2009, p. 5.739).

De acordo com Souza (2010), educadores e membros da opinião pública consideram que a violência escolar é um fenômeno novo, e que teria aparecido nos anos 1980 (este período é apontado pelo fato de ter ocorrido o aumento da criminalidade violenta no Brasil) e se proliferado nos anos seguintes. “Mas, para o sociólogo francês Bernard Charlot, desde o século XIX há relatos de violência na escola. O que mudou foi sua forma de manifestação” (SOUZA, 2010, p. 8).

Durante os últimos anos no Brasil, “as políticas públicas de redução da violência em meio escolar tem se originado, sobretudo, na esfera estadual e municipal” (GONÇALVES, SPOSITO, 2002, p. 102). Estão acontecendo projetos de intervenção nas escolas da rede estadual e municipal, para prevenção e redução da violência no meio escolar. Esses projetos acontecem diferentemente, dependendo da necessidade de ajuste em cada ambiente, “é possível traçar os elementos principais que orientam o nascimento de políticas públicas voltadas para a superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares, sobretudo nas cidades brasileiras de médio e grande porte” (GONÇALVES, SPOSITO, 2002, p. 102).

Como os autores afirmaram anteriormente, é importante levar em consideração alguns aspectos sobre a violência. A temática da violência na sociedade brasileira está em um processo de debate público, através da democratização.

Não só a herança do regime autoritário se faz presente até os dias atuais, sensibilizando vários atores sociais na luta pela democratização institucional e pela realização de direitos da cidadania, como também a disseminação das várias formas da criminalidade, delinquência e prática de justiça extralegal nas regiões urbanas ocorre, paradoxalmente, com o próprio advento da democracia (PERALV; ZALUAR *apud* GONÇALVES; SPOSITO, 2002, p. 102).

No Brasil, a violência escolar difere da violência social, pois através dela a violência atinge os outros ambientes, principalmente os locais públicos, conseqüentemente também chegando até as escolas, interferindo no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

Há várias manifestações de violência no cotidiano escolar, umas atingem os professores, outras aqueles que trabalham na escola e na maioria das vezes os alunos, sem importar a faixa etária. Conforme Abramovay (2006), “a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em conseqüência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas”.

Atualmente no mundo, estamos vivenciando várias formas de comportamento. E muitas pesquisas investigam acerca da violência escolar. Contudo, o sociólogo Bernard Charlot (2002) nos adianta que é preciso distinguir os tipos de violência: violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar as contas das disputas que são as do bairro; [...] a violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam

incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, de palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 435-436).

A maioria das escolas não disponibilizam recursos e meios para solucionar os problemas da violência, é a escola junto com os professores que devem buscar sempre novas atividades para suprir a falta desses recursos e ajudar outros setores públicos.

Hoje a violência atingiu uma grande dimensão no nosso meio, pois ela encontra-se bastante presente no nosso dia a dia. Chegando até nós por diversos meios de comunicação. Nesse sentido, a escola por ser uma instituição onde há múltiplas relações interpessoais acaba sendo atingida por esse problema. Desta forma,

A violência é um fenômeno preocupante tanto pelas sequelas que diretamente infringe aos atores participantes e testemunhas como pelo que contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como veículo por excelência do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo, e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY *apud* MEDRADO, 2008, p.145).

A violência não é somente crimes, homicídios, roubos, mas também outras situações, como humilhação, desrespeito, preconceito e exclusão. Esses acontecimentos estão presentes em vários espaços, onde haja interações, tais como: escola, família, trabalho, causando assim danos físicos e psicológicos aos envolvidos.

Sempre é bom refletirmos que a violência pode adentrar a escola de diversas maneiras. E também, pode ficar pelos arredores da instituição. E ainda que suas manifestações são muito variadas.

A maneira como ela se mostra pode ser através da violência física, dos roubos, e através da arma (de fogo ou não) também. Há outra forma de violência que é a simbólica, que faz parte do cotidiano da escola e está relacionada aos preconceitos, discriminações, gritos, intimidações, abusos de poder por parte dos professores e agressões verbais dos alunos. Outra violência, é a institucional, que é, por exemplo, a certeza do jovem de que com a formação que tem ele não vai conseguir entrar na faculdade e não vai conseguir um trabalho. Assim, justificativas para o surgimento e proliferação das diversas manifestações de violência nas escolas aparecem atreladas tanto a fatores internos quanto externos às unidades escolares (NOGUEIRA, 2007, p. 73).

É papel da escola formar o cidadão para vida, dessa maneira o assunto da violência

deve ser abordado pela escola, a qual deve reconhecê-la e empenhar-se em contribuir para minimizá-la e na medida do possível ajudar a construir uma cultura de paz. Ao olharmos para o cotidiano vemos famílias cada dia mais desestruturadas. Pais separados e filhos com pouca assistência da família. Tem ainda pais muito ausentes por causa do trabalho. O resultado disso muitas vezes são crianças indisciplinadas que não conhecem regras, nem tem limites, na prática não obedecem a ninguém. “O indivíduo não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Assim, alunos indisciplinados e mal educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para "controlar a bagunça que se alastra na sala de aula”(ROSA, 2010, p. 147).

Na maioria das vezes uma das causas da violência, é a indisciplina no ambiente escolar, que muitas vezes esse comportamento advém de problemas familiares, inclusão social, más companhias, dentre outros. Nesses casos, o professor não tem condições de fazer muita coisa, ficam esperando que se resolva através de outras pessoas. Entretanto, a indisciplina também pode se originar de outros fatores.

A desmotivação dos alunos e o desinteresse explícito por aquilo que o professor pretende ensinar interferem no comportamento, deixando muitas vezes o aluno agressivo, são formas inadequadas sobre os métodos de ensino ou sobre as estratégias de relação na aula que exigem do professor clareza na negociação naquilo pretende fazer trabalhar com os alunos, quando não há regras que estejam em comum acordo entre ambos, o resultado é a insatisfação e indisciplina (ROSA, 2010, p. 147-148).

Em alguns casos a indisciplina evoluiu para casos de violência. Nos dias de hoje, a violência na escola é um fenômeno real e transparente que vem fazer parte de problemas sociais do Brasil. Essa questão requer estudos mais detalhados por se tratar de um tema complicado. Os problemas sociais como a pobreza, a miséria, o desemprego, as desigualdades sociais e as más condições de vida de algumas pessoas, são fatores que contribuem para aumentar a violência no País, pois esse fenômeno não se restringe apenas aos problemas de ordem socioeconômica, e sim a outros fatores sociais. “Em razão disso, a violência deve ser entendida no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos grupos e da sociedade” (ROSA, 2010, p. 148).

Bullying: definições e consequências

Nos dias de hoje nos deparamos diariamente com fatos de agressões acontecendo no espaço escolar. Estudos mostram por um lado o diagnóstico e a compreensão deste problema, e por outro lado, buscar soluções ou estratégias que elimine ou diminua este fenômeno que vem trazendo grandes danos para a sociedade.

O fenômeno *bullying* foi descoberto há algum tempo por estudiosos através de algumas manifestações de violência na escola. Problema esse, bastante conhecido e encontrado em escolas públicas e privadas. O *bullying* é percebido através de maneiras agressivas de comportamento, por meio de “insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social” (ROSA, 2010, p. 145). O termo *bullying* ainda não se tem muito conhecimento no Brasil, é de origem inglesa *bull*, pode ser traduzida por valentão. Atualmente a palavra *bullying* vem sendo utilizada para denominar comportamentos agressivos, sejam eles de forma verbal ou física, intencional ou repetitiva, que acontece sem um motivo visível.

O *bullying* é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA *apud* LAMARCA, 2013, p. 7).

O *bullying* é um tipo de violência bastante discutido e preocupante para todos. Diante disso precisa ser conhecido e refletido para assim encontrarmos uma maneira de prevenir e acabar com essa forma de violência escolar. “Inicialmente visto pelos jovens como uma brincadeira, no entanto a intenção é intimidar, perseguir, provocar, apelidar, incomodar, e até mesmo espancar aqueles que determinado indivíduo ou grupo decidem ser diferente dos demais” (ROSA, 2010, p. 152).

O *bullying* se torna hoje um problema mundial, ou seja, uma violência que é praticada não só no ambiente escolar, mas também em outras instituições, públicas ou privadas. No entanto, deve-se levar em conta que existem escolas que não aceitam a existência do *bullying* entre os alunos, ou não enxergam o problema ou se negam a combatê-lo.

Existem duas formas de classificar o *bullying*: direto e o indireto. O *bullying* direto é aquele em que as agressões contra a vítima são feitas diretamente,

com apelidos, agressões físicas, roubos, intimidações e atos que causam desconforto. Sendo uma forma mais utilizada pelos homens. Já o *bullying* indireto dá-se por meio de atos de indiferença, difamação, e ações que levam a vítima a isolar-se socialmente, conseqüentemente recusando o relacionamento e aproximação das pessoas. Essas agressões afligem aqueles que buscam se relacionar com ela, acontecendo mais em mulheres e em crianças. “Não necessariamente o *bullying* se consolida por agressões físicas. Pode efetivar-se também ofensas psicológicas e verbais, como “humilhações” combinadas com “intimidação” (SILVA, et al, s/a. p. 88-89).

Os estudos de Fante (2005), apontam que o *bullying* é uma prática antiga, mas que era visto com algo normal, mais uma etapa da vida das crianças e adolescentes. O que marca o *bullying* é a incapacidade da vítima reagir, e a mesma passa por situações constrangedoras que causam sofrimento, com um comentário inconveniente, um apelido com caráter de humilhação.

Segundo Lima (2011), o fenômeno do *bullying* teve muita projeção na mídia brasileira e internacional na década de 2000, sendo largamente conhecido pelos meios digitais, inclusive com a criação de vários sites sobre o assunto- ao ser colocada no site de buscas Google, aparece mais de 1 milhão de páginas relacionadas ao *bullying*.

A prática do *bullying* pode acarretar danos à saúde mental, tanto da vítima quanto do agressor e podem ter conseqüências irreparáveis. Ramos e Barbosa (2012) apontam que muitos casos de *bullying* foram amplamente divulgados pela mídia, um dos motivos que pelos quais este tema tem sido tão discutido nos dias de hoje. Uma das mais lembradas é a chacina de Columbine, no qual dois jovens entraram com armas na escola, assassinaram doze (12) pessoas, entre elas, o professor, deixando muitos feridos e se matando em seguida. Outro caso, foi o que aconteceu aqui no Brasil, no município de Taiúva, Rio de Janeiro, no ano de 2003. Um adolescente, depois de ter sido vítima de *bullying* por muitos anos, resolveu entrar armado em sua ex-escola no horário de intervalo, tentando se vingar dos alunos, feriu várias pessoas e se matou em seguida. Neste caso, um dos problemas com que tinha que lidar era o fato de ser obeso, sendo motivo de várias chacotas. Vários casos acontecem em todo o mundo, que acabam por chocar o mundo com a quantidade de vidas desperdiçadas e ameaçadas.

[...] especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental [...] Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em conseqüência

do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intra-psíquicas, com sintomatologia de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônias, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extra psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas. (FANTE, 2005, p. 79- 80).

De acordo com o site UOL, uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Brasília é apontada como a capital do *bullying*. Segundo o estudo, 35,6% dos estudantes entrevistados disseram serem vítimas constantes da agressão. Belo horizonte, em segundo lugar com 35,3% e Curitiba, em terceiro lugar com 35,2%, foram, junto com Brasília, as capitais com maior frequência de estudantes que declaram ter sofrido *bullying* alguma vez. Ainda, segundo a pesquisa do IBGE, em Brasília, o maior número de casos ocorreu nas escolas particulares: 35,9%, contra 26,2% dos estudantes nas escolas públicas e que o *bullying* é mais frequente entre os estudantes do sexo masculino (32,6%) do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%).

O fenômeno *bullying* é um problema social complicado de se perceber, pois apresenta-se tanto de forma clara como de forma obscura, cada uma tem suas próprias características. Podendo ser um fenômeno verbal, e/ou virtual.

1.2 A participação da escola na redução do *bullying*

Devemos considerar que a escola é um espaço educativo, ou seja, um lugar onde deve haver uma socialização e uma promoção de conhecimentos, para que assim as crianças e jovens possam receber contribuições à sua formação. Desse modo, os hábitos de violência, como o *bullying* precisam serem reconhecidos no ambiente escolar, onde a mesma tem o papel de amenizar ou acabar com esses tipos de conduta, pois as consequências dessas práticas refletem principalmente no comportamento dos alunos. Sendo assim, uma tarefa dos funcionários da escola é prestar atenção no comportamento dos alunos. É função da escola buscar maneiras de mediar o diálogo e discutir formas que favoreçam convivência entre os diferentes.

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, em uma palavra eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos

pela escola aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (BOCK *apud* MIRANDA, MAURIZ, 2012, p. 7).

Portanto, é papel da escola formar cidadãos que cultivem valores éticos. A escola deve ser um espaço que preza pela valorização da diversidade, que luta pela redução da violência em nosso dia a dia, para que assim a criança se torne segura e tenha melhor convívio social. Desse modo, o incentivo a não violência deve ser buscado de muitas formas. É essencial que a escola atue com a participação de pais e alunos, buscando discutir alternativas para resolver e solucionar as questões da violência, entre outros.

Primeiramente a escola deve reconhecer a existência do *bullying* em seu ambiente, pois se omitir diante desses casos de violência, vai agravando ainda mais a situação. Um dos aspectos que pode ajudar a identificar se uma pessoa é vítima do *bullying* é o baixo rendimento escolar, pois a medida em que vai acontecendo esses constrangimentos, a escola passa a ser não só um local de aprendizado e estudo, mas também um local de dor, medo, angústia e sofrimento.

Outros comportamentos podem indicar que o aluno possa está sofrendo algum tipo de violência, como sentir-se mal próximo ao horário de sair de casa, “pedir para trocar de escola, revelar medo de ir ou voltar da escola, pedir sempre para ser levado à escola, mudar frequentemente o trajeto entre a casa e a escola são também muito comuns e isso afetada diretamente o rendimento escolar desses alunos” (MIRANDA, MAURIZ, 2012, p. 5).

Com isso para tentar reduzir as práticas de *bullying* no ambiente escolar, a gestão escolar precisa antes de tudo admitir a existência do *bullying* e tentar conscientizar a todos, dos efeitos desse problema, e o mal que ele pode acarretar para o desenvolvimento social e a aprendizagem dos alunos. Outra medida que a escola pode tomar, é buscar capacitar seus profissionais, para que quando essas práticas vierem a ocorrer eles saibam lidar com o *bullying*. Desse modo, instigar a comunidade escolar a participar e ter ações eficazes para lidar com tais situações.

Os professores devem levar o fenômeno do *bullying* a sério, pois a violência escolar vem aumentando a cada dia. Então os educadores têm que estar atentos a esse tipo de violência, e valorizar atitudes que demonstre respeito de uns pelos outros e rejeitar toda forma de comportamento que se mostre ofensivo.

De acordo com Lima (2011), o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), implantou em 2004 o “Projeto Escola que Protege” (EnP), buscando colaborar

com o enfrentamento e com as medidas que previnam o *bullying*. O referido projeto entende a escola como instituição essencial na Rede de Proteção aos Direitos da Criança e do Adolescente. “A Escola que Protege” é um projeto de formação de profissionais da Educação Básica e de incentivo à produção de matérias didáticas e paradidáticas voltadas para a promoção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes e enfrentamento a todas as formas de violências contra eles” (LIMA, 2011, p. 72-73).

A escola é o espaço onde as crianças passam a maior parte do tempo, ficando sob os cuidados dos professores e da direção. Diante disso, devemos considerar que a escola é uma instituição, que tem melhores condições de perceber o fenômeno do *bullying*, podendo também combatê-lo, ou seja, ela tem um poder maior do que qualquer outra instituição.

Considerações finais

Este trabalho teve o propósito de refletir sobre a violência na escola, por ser algo abrangente delimitamos para um dos fenômenos da violência que é o *bullying*. A violência é um fenômeno complexo e não aparece só em manifestações físicas, tais como crimes, homicídios, roubos, mas também nas situações de humilhação, indiferença, desrespeito, exclusão.

A mídia noticia com frequência que estamos vivendo uma epidemia de violência na sociedade. Como não poderia ser diferente, essa violência generalizada adentra aos muros da escola de muitas formas. Neste trabalho, refletimos acerca da violência na escola, pois apesar de ser um tema bem debatido na sociedade vimos a necessidade e urgência dessa discussão no âmbito universitário.

O estudo mostrou que as consequências do bullying escolar afetam todos os envolvidos, mas a vítima é a que apresenta maiores prejuízos, pois prejudica seu desenvolvimento e as suas relações com outras pessoas. As consequências são múltiplas: baixa autoestima, insegurança, isolamento, medo, angústia, agressividade, ansiedade, falta de vontade de ir à escola, dificuldade de concentração, diminuição no desempenho escolar, mudanças de humor, choros constantes, insônia, abuso de álcool e drogas, stress e suicídio.

O principal propósito desta pesquisa foi analisar as consequências do *bullying* na aprendizagem. Através desse artigo pode-se notar que o *bullying*, quando ocorre, interfere na aprendizagem dos alunos, trazendo inúmeras consequências,

tais como: perda de raciocínio, reprovação, evasão escolar, tira a concentração nas aulas, em alguns casos chega até a afetar o emocional. O estudo teórico realizado nos permitiu concluir que os casos *bullying* podem até evoluir para quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis.

O estudo permitiu refletir sobre nosso papel enquanto educadores, nossas práticas em relação a aprendizagem, as quais devem proporcionar, na medida do possível, um ambiente saudável para nossos alunos, onde haja respeito, diálogo, justiça, amizade, solidariedade e cooperação. Acreditamos ser possível encontrar caminhos para ressignificar as relações humanas, tanto no cotidiano escolar quanto na vida em sociedade e foi o que pretendemos através desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. **Desafio e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP, 2003.

BARROS, Paulo Cesar, CARVALHO, João Eloir, PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE- III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR.

CHARLOT, Bernard. **Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Interface: sociologias, Porto Alegre, ano 4. n° 8, jul. /dez 2002, p. 432-443.

FANTE, Cleo. **O fenômeno bullying: como prevenir nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campina, SP: Verus editora, 2005.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março / 2002, p. 101- 138.

LAMARCA, Thaysa Eiras. **A atuação do psicólogo frente ao bullying no contexto escolar**. 20 fls. 2013. Artigo Final, Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna, Rio de Janeiro, 2013.

LIMA, Chantele Cerqueira de. **Bullying na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma**. INTERLINK - v. 2, n.2, jul/dez de 2011. Disponível em: <http://187.45.244.77/ojs-2.4.6/index.php/InterLink/article/view/18>> Acesso em 23. Nov. 2016.

MEDRADO, Hélio. **Violência nas escolas**. São Paulo: Minelli, 2008.

MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira de. MAURIZ, Naila Luíza de Carvalho. **As Consequências Psicossociais do Bullying no Rendimento Escolar**. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/as-consequencias-psicossociais-do-bullying-no-rendimento-escolar>> Acesso em: 23. Nov. 2016.

NOGUEIRA, Rosana Maria del Piccha de Araújo. **Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying escolar**. 2007. 258 f. Tese (doutorado em educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, André Luiz Moraes, BARBOSA, Anne Elyse Souza. **Bullying** - um obstáculo na vida e na aprendizagem. ECCOM, v. 3, n. 5, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/481/328>> Acesso em 23. Nov. 2016.

ROSA, Maria José Araújo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum: identidades**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8. jul-dez de 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, Robson Sávio Reis. **Violência** – um problema com solução. AMAE educando - 374. Setembro, 2010, p. 8-13.